

Fig. 1 | Planta da Casa de Ofir

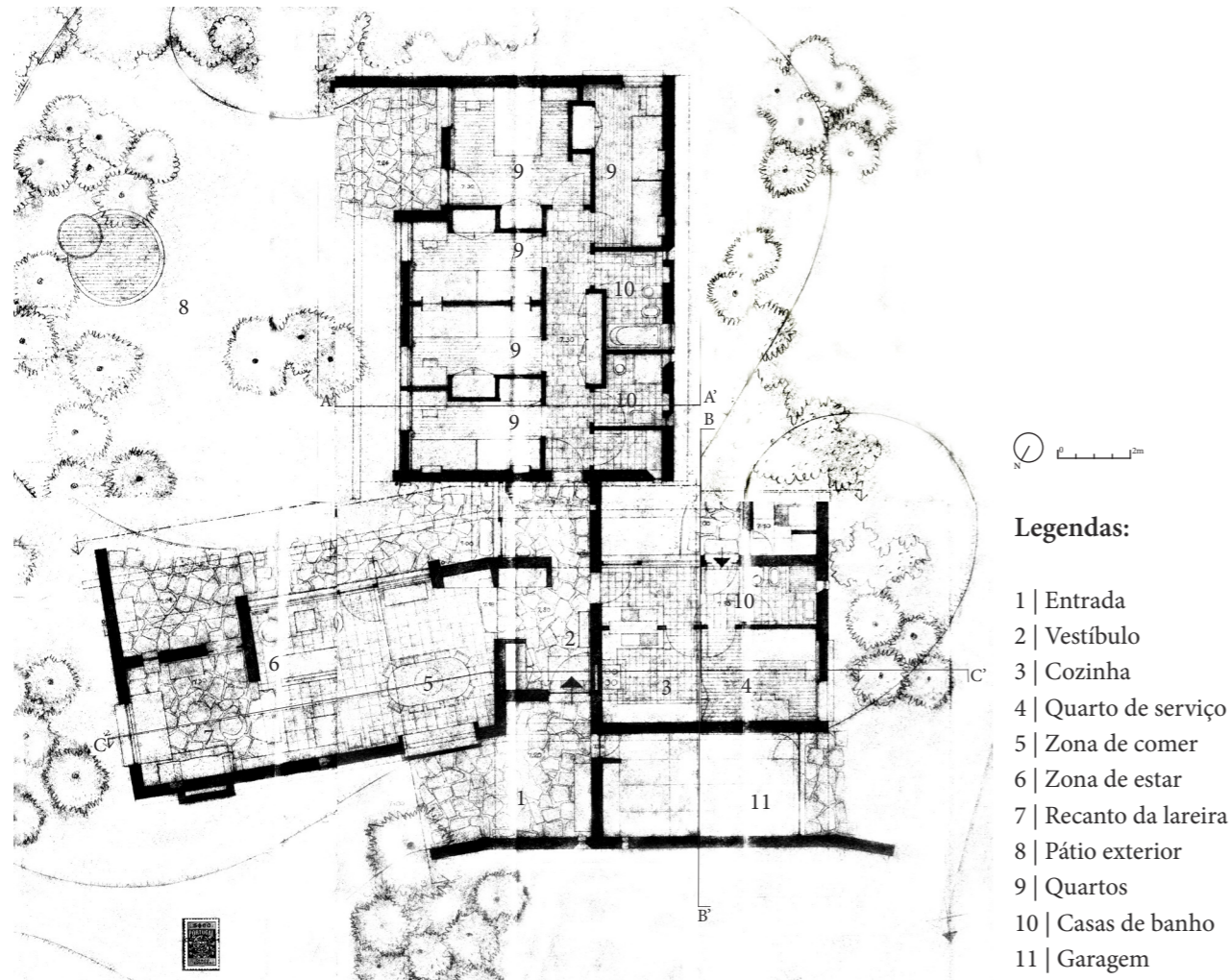


Fig. 2 | Implantação da casa em Ofir.

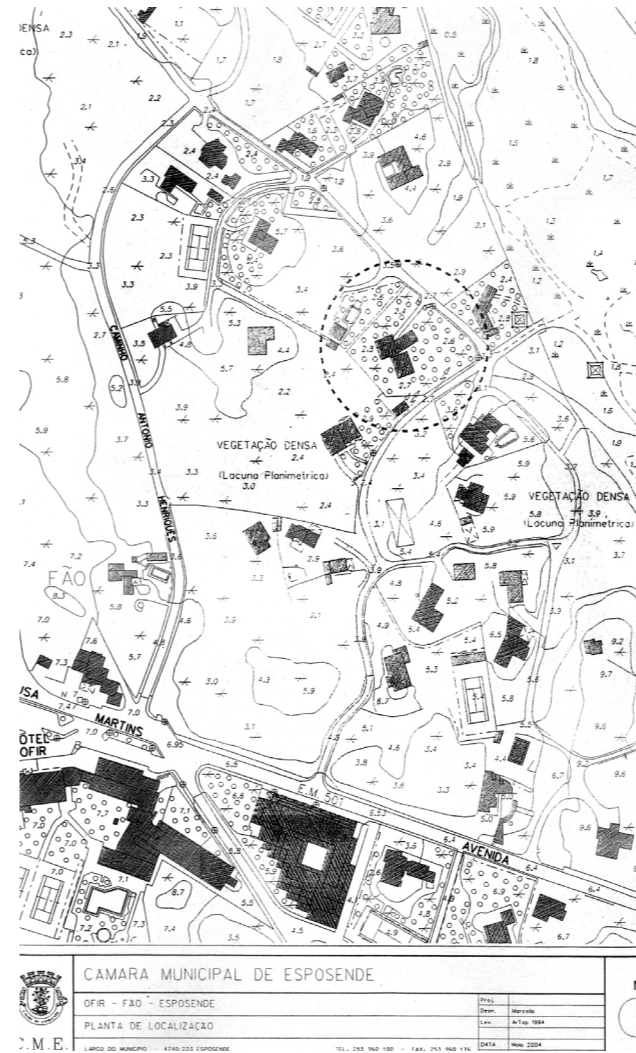


Fig. 3 | Casa em Ofir: pátio exterior.



Fig. 4 | Memória descritiva.

Requerente: Dr. Fernando Ribeiro da Silva
 Casa no Pinhal de Ofir
 Memória descritiva e justificativa

A habitação que o Exm.^o Sr. Dr. Fernando Ribeiro da Silva pretende construir no Pinhal de Ofir desenvolve-se num piso único e é constituída por dois corpos normais entre si, ligados por uma galeria de pequenas dimensões.

No corpo cujo eixo maior se oriente, aproximadamente, no sentido Nascente-Poente encontram-se a entrada, e zona de estar (Sala Comum) e a zona de serviço (Copa, Cozinha, entrada de serviço, quarto de dormir e quarto de banho de crianças); no outro corpo encontram-se os quartos (quatro semelhantes, para duas camas e um de casal) e as instalações sanitárias respectivas.

Todas as divisões terão luz directa do exterior (a cozinha e o corredor dos quartos serão iluminados superiormente) e todas serão, igualmente, ventiladas.

No corpo dos quartos e na zona de serviço está previsto o pé-direito de 2,50 m. e na entrada e sala comum um pé-direito mais alto, variável, atendendo à circunstância de nestas divisões o tecto acompanhar a inclinação da cobertura.

Quanto a materiais e processos de construção, serão na medida do possível, usados e seguidos os comuns na região: fundações e paredes exteriores em alvenaria de granito, paredes interiores em alvenaria de tijolo, cobertura em telha tipo Lusa assente sobre armação de madeira de pinho, paredes (na sua maioria) rebocadas e caiadas; pavimentos em xisto na entrada e parte da sala comum, tijolo na superfície restante da mesma sala, madeira de pinho no corpo dos quartos, mosaico na copa, cozinha e instalações sanitárias; esquadrias interiores em madeira de pinho, encerade e exteriores em madeira de sucupira envernizada; "Lambria" de azulijo com 1,50 m. de alto na copa, cozinha e instalações sanitárias.

Porto, 20 de Abril de 1956.
 Fernando Ribeiro da Silva
 Eng. Civil (U.P.)

Fig. 5 | Corte A A'

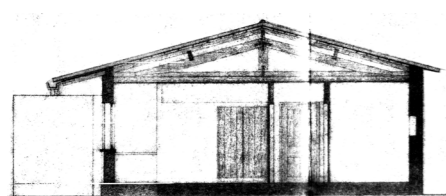


Fig. 6 | Corte B B'

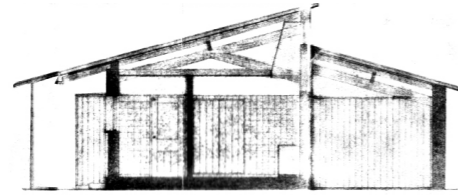
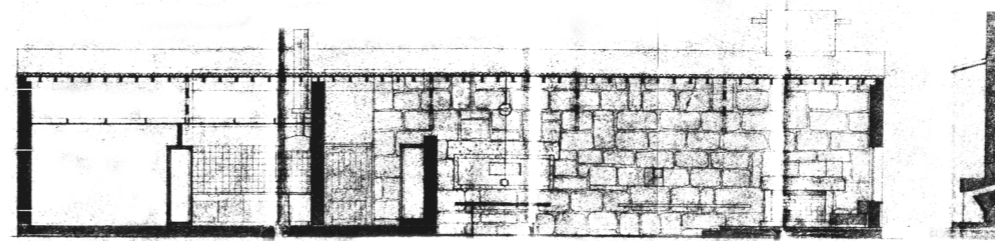


Fig. 7 | Corte C C'

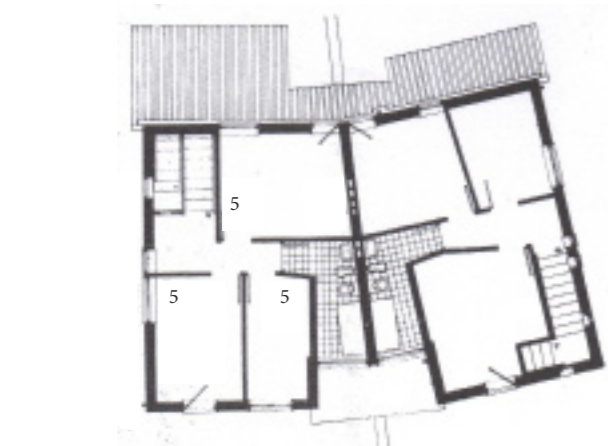
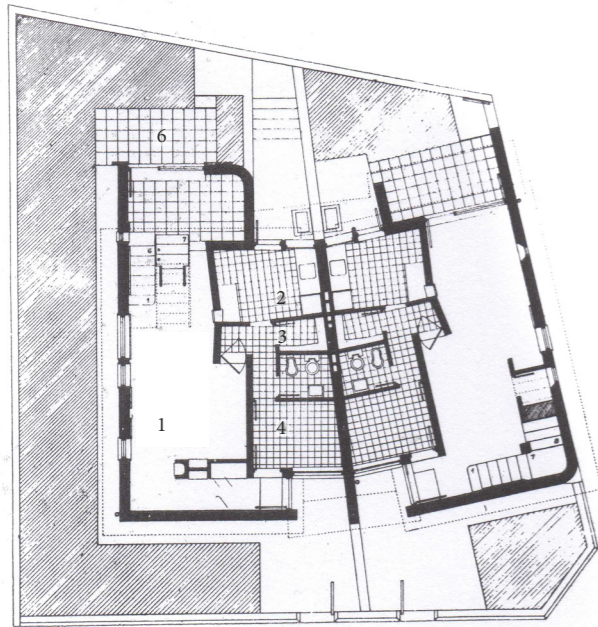


Fontes das imagens: os desenhos expostos foram disponibilizados pela Câmara Municipal de Esposende sob o formato de fotocópia sobre os originais, posteriormente digitalizados pelo autor do trabalho.

Anexo 1

Elementos sobre a Casa em Ofir,
Fernando Távora, 1956

Fig. 1 | Plantas das casas geminadas, poente.

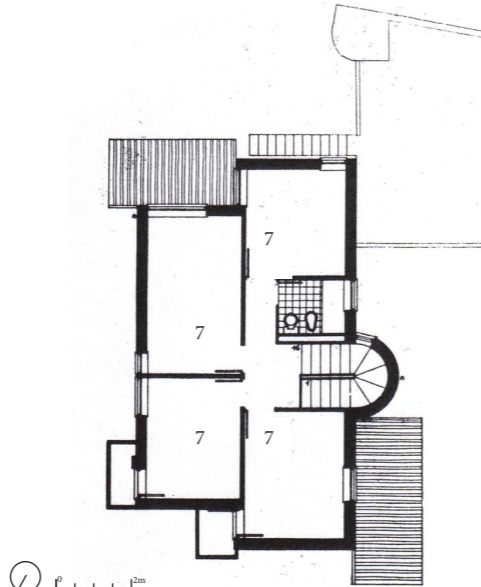
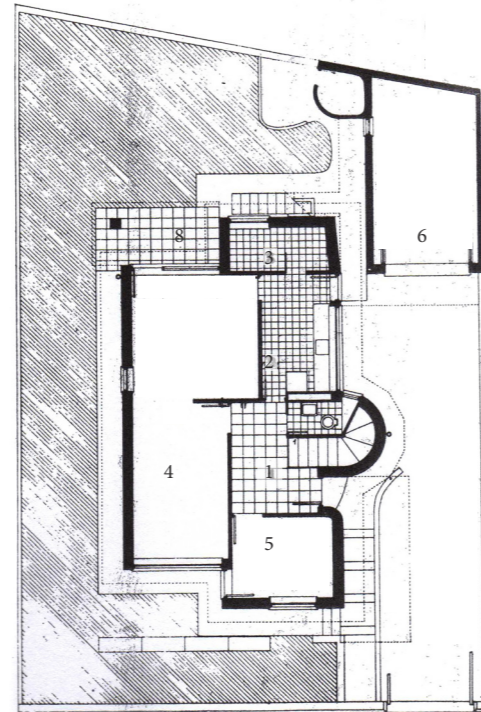


Legenda:

- 1 | Sala comum com recanto de comer junto à escada interna e zona sobreelevada.
- 2 | Cozinha
- 3 | Copa
- 4 | Quarto de serviço
- 5 | Quartos
- 6 | Pátio exterior

Fontes das imagens: "Arquitectura". Lisboa. 68 (1960) 13-22, posteriormente digitalizadas e legendadas a partir da fonte.

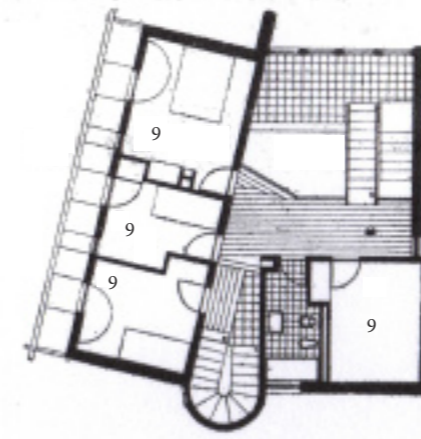
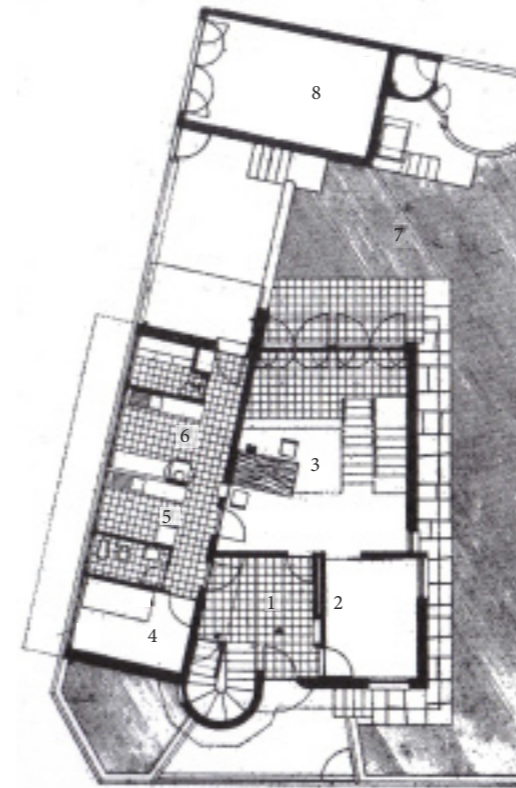
Fig. 2 | Plantas da casa do meio.



Legenda:

- 1 | Entrada e escada para o piso superior.
- 2 | Cozinha
- 3 | Zona de trabalho
- 4 | Sala e recanto de comer
- 5 | Quarto ou sala
- 6 | Garagem
- 7 | Quartos
- 8 | Pátio exterior

Fig. 3 | Plantas da casa nascente.



Legenda:

- 1 | Entrada
- 2 | Divisão suplementar
- 3 | Zona de comer
- 4 | Quarto de serviço
- 5 | Cozinha
- 6 | Copa
- 7 | Roupas
- 8 | Garagem
- 9 | Quartos

Fig. 4 e 5 | Casa a Nascente: sala e chaminé da cozinha.



Fig. 6 e 7 | Pormenores de escadas: casa a Nascente; casa do meio.



Fig. 8 e 9 | Casas geminadas: pormenor de escada e janelas centrais do conjunto.



Fig. 10 e 11 | Casa a Nascente: pormenor do acesso exterior à cozinha e da estrutura da cobertura visível na sala.



Fontes das fotografias: arquivo de Afonso Santos, aluno de arquitectura da Universidade Lusófona do Porto, cedidas pela Camara Municipal de Matosinhos.

Anexo 2

Elementos sobre as
Quatro Casas em Matosinhos,
Álvaro Siza Vieira, 1954

Fig. 1 | Plantas, cortes e alçados da casa a Nascente.

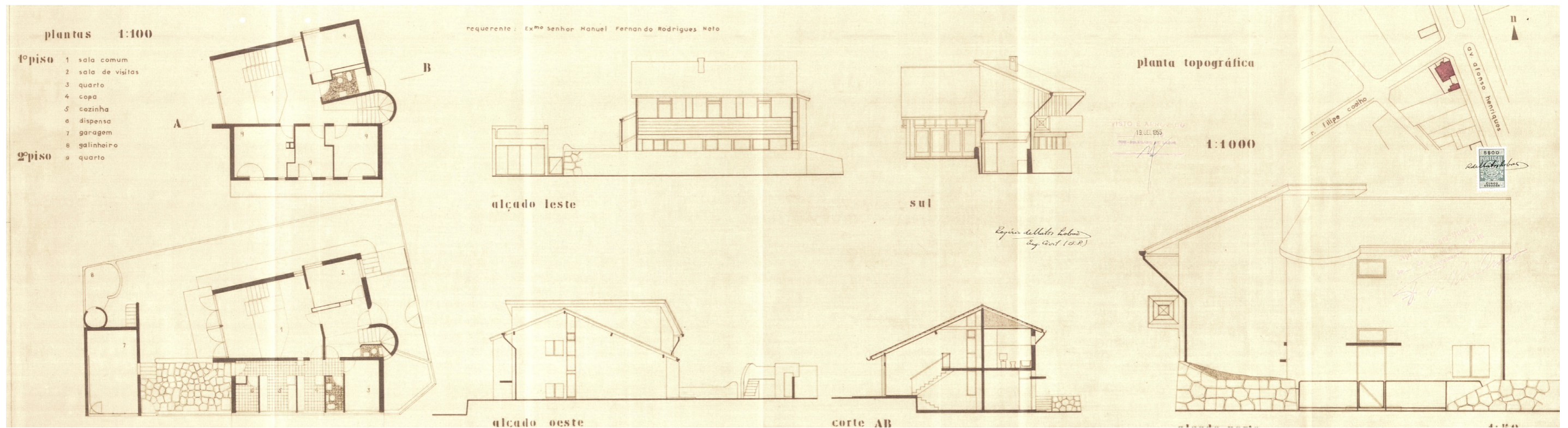


Fig. 2 | Memória descritiva da casa a Nascente.

MEMORIA DESCRITIVA

Refere-se o projecto anexo à habitação que o Ex.º Senhor Manuel Fernando Rodrigues Neto, morador na rua de Goa, nº 10 - 1º direito pretende mandar construir em terreno que possui, com frentes para a rua Filipe Coelho e av. Afonso Henriques.

Este terreno está elevado cerca de 1,00m em relação àquelas vias. Na solução adoptada procurou-se tirar partido deste desnível, evitando grandes movimentos de terras.

A entrada principal, pela rua Filipe Coelho, conduz a um átrio que dá acesso a uma sala de visitas, à zona de serviço, a um pequeno lavabo e à sala comum. Este último compartimento, que é o centro da habitação está organizado com suficiente maleabilidade para cumprir os fins a que se destina englobando uma zona destinada à mesa de jantar e uma zona de estar no 1º piso; um pequeno lanço de escadas vence um desnível de 1,00 m e proporciona um espaço em contacto directo com o jardim.

Novo lanço de escadas conduz ao 1º andar, a uma zona mais íntima integrada na sala comum e que simultaneamente dá acesso ao quarto de banho e aos quatro quartos de dormir. Tres destes estão voltados a Nascente, abrindo para uma varanda que ocupa toda a largura do alçado. O restante é iluminado por uma janela a



Poente. Este piso está ainda ligado ao R/C por uma escada partindo do átrio. A zona de serviço, que tem uma entrada privativa pela av. Afonso Henriques engloba dispensa, cozinha, copa e quarto e instalações sanitárias para a oriada. No quintal os seguintes anexos: garagem, galinheiro e coberto com pia.

Os alicerces serão em perpeanho ao baixo assente com argamassa de cal hidraulica e areia. As paredes de elevação em perpeanho com argamassa de cimento e areia sendo algumas em tijolo DUPLEX a partir da placa. As paredes interiores serão em tijolo vasado. A cobertura em telha Lusa sobre estrutura em madeira. Esquadrias em macacaúba para envernizar. O pavimento do R/C será em tacos mosaico e tijoleira, conforme os casos, assentes sobre betunilha e em tacos sobre placa, cujos calculos serão oportunamente entregues, no 1º piso. As paredes dos quartos de banho e cozinha levarão azulejo até 1,70. Pintura a branco no exterior e o interior estucado. O saneamento será feito segundo as prescrições em vigor. Toda a obra terá o melhor acabamento.

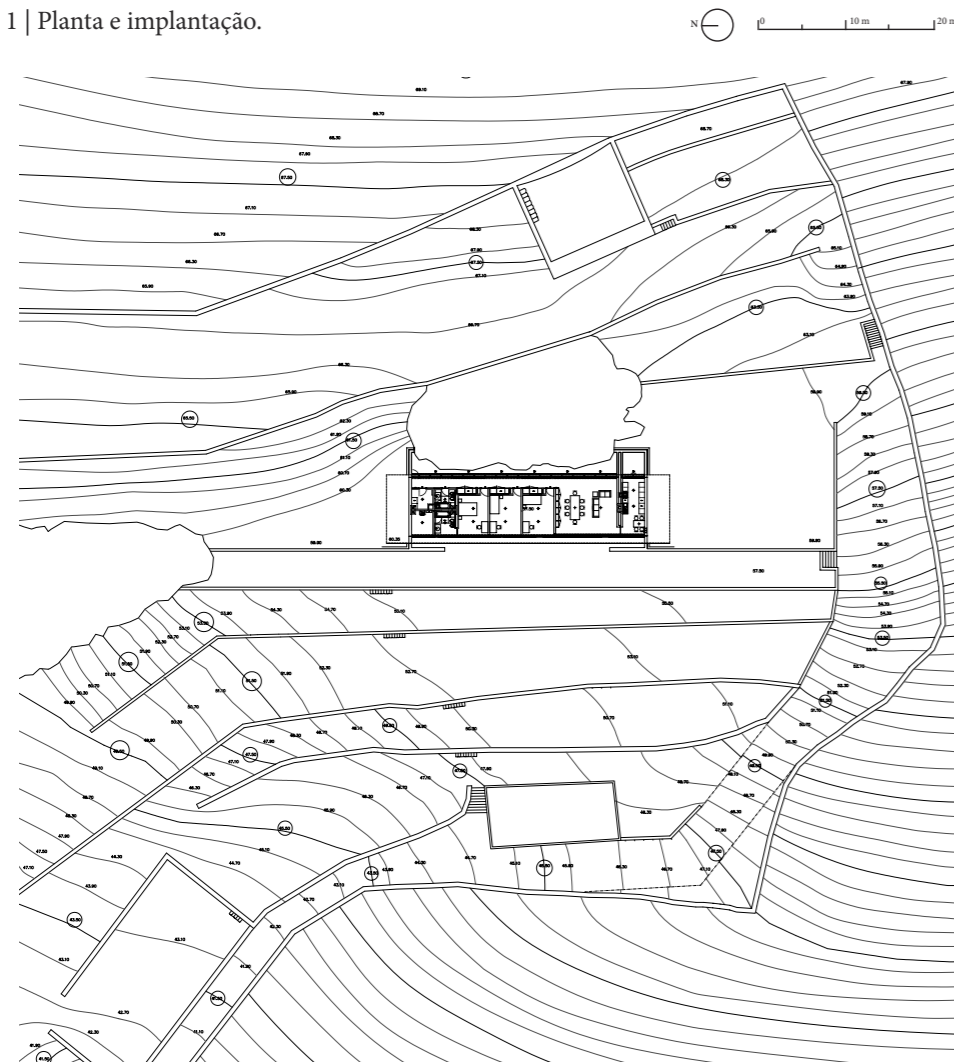
Rogério de Lacerda Lobos
Eng. Civil (C.R.)

Fontes das imagens: os documentos expostos foram cedidos pela Camara Municipal de Matosinhos, através do processo de digitalização sobre os originais.

Anexo 3

Elementos sobre uma das
Quatro Casas em Matosinhos,
Álvaro Siza Vieira, 1954

Fig. 1 | Planta e implantação.



Datas do Projecto 1991
 Datas da Construção: 1998
 Localidade: Moledo, Caminha
 Cliente: António Reis
 Colaboradores: Manuela Lara, Pedro Reis, Nuno Rodrigues Pereira,
 Engº. Estruturas José Adriano Cardoso

Memória descritiva

Depois de fazer a casa de Baião, pensei que seria mais natural, em Portugal, desenhar caixilhos de madeira.

Para isso a cobertura deveria ficar visível, assumindo-se como um objecto novo, visível como que caído do céu.

O projecto é o redesenho de uma outra casa, por analogia de sítio, programa e material.

A excepção, para que não fosse um redesenho, é que tivemos de reconstruir o monte, com muros novos e plataformas, o que custou mais que a casa propriamente dita. "Le coeur a des raisons..."

O cliente, inteligente como é aceitou, e a casa durante sete anos foi-se autonomizando, passando de redesenho a desenho específico para o lugar e as pessoas, que fomos descobrindo e alterando.

Fig. 2 | Perspectiva de implantação.

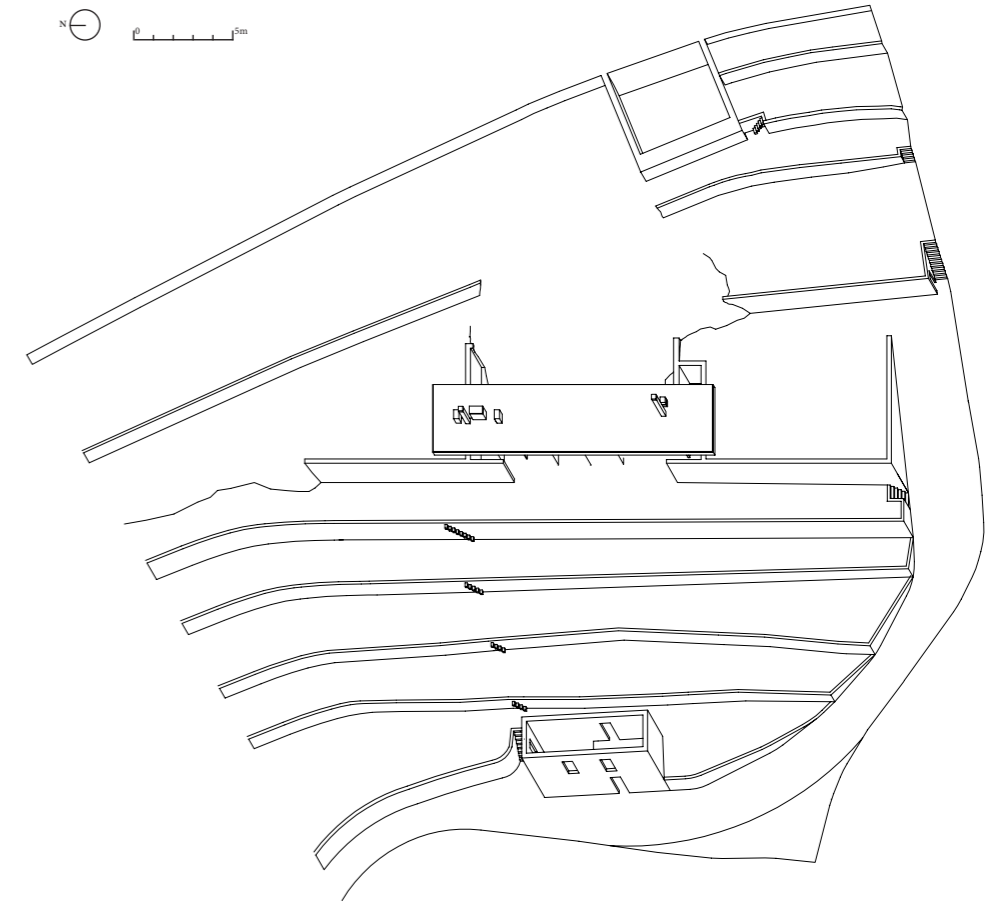


Fig. 3 | Alçado. Fachada principal.

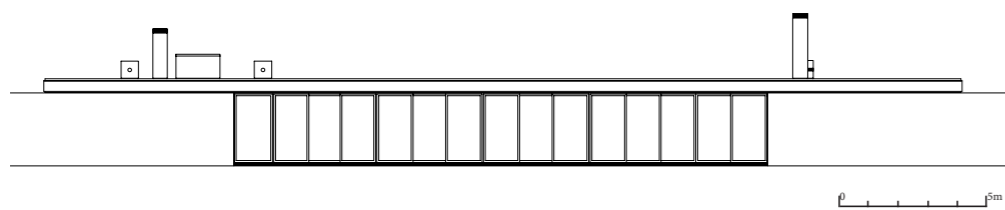


Fig. 4 | Planta de interiores.

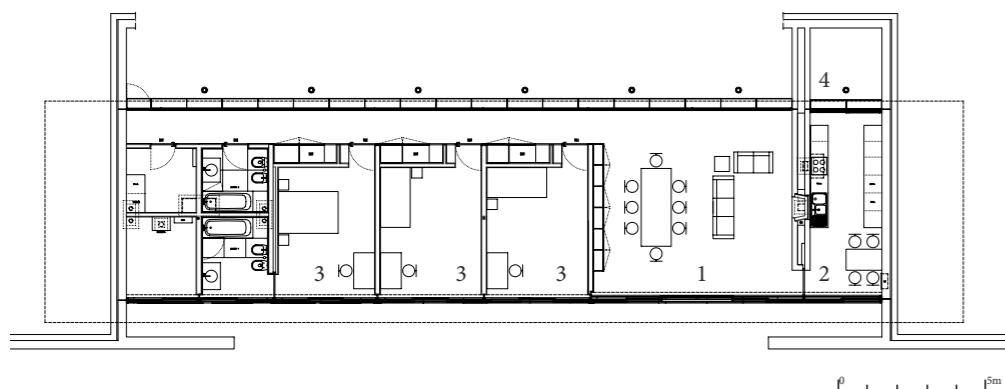
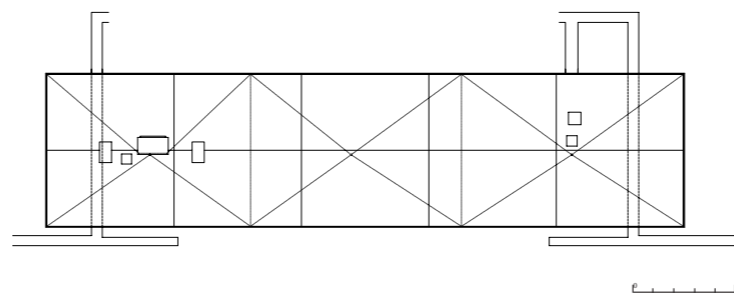


Fig. 5 | Planta de cobertura.



Legenda:

- 1 | Área comum com as zonas de comer e de estar; entrada.
- 2 | Cozinha
- 3 | Quartos
- 4 | Pátio exterior da cozinha

Fig. 6 e 7 | Cobertura e vista da casa de Moledo.



Fontes das fotografias: fotografias do autor.

Fontes das imagens: desenhos e texto cedidos em formato pdf pelo atelier de Eduardo Souto Moura.

Anexo 4

Elementos sobre a casa em Moledo,
Eduardo Souto Moura, 1991-98

Fig. 1 | Planta de implantação.

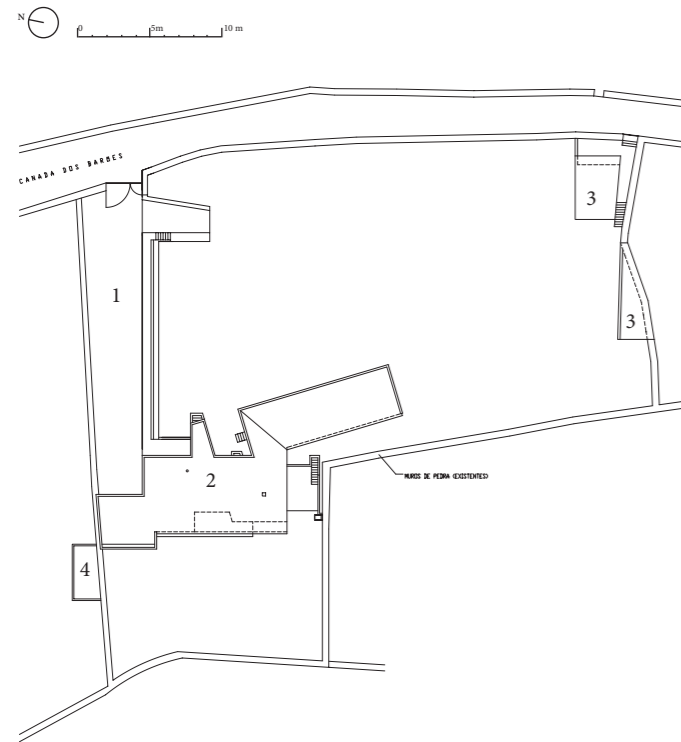


Fig. 2 | Planta do piso 0.

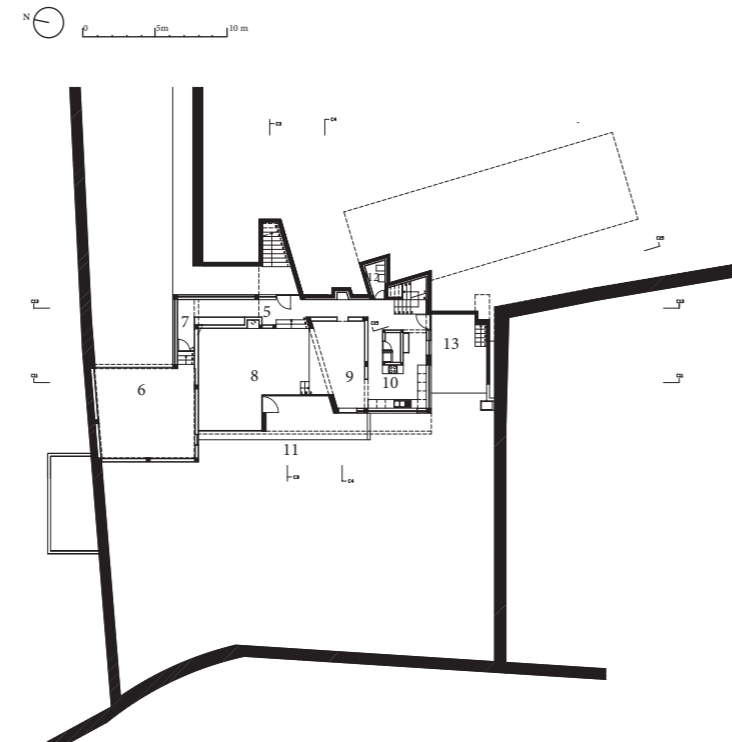
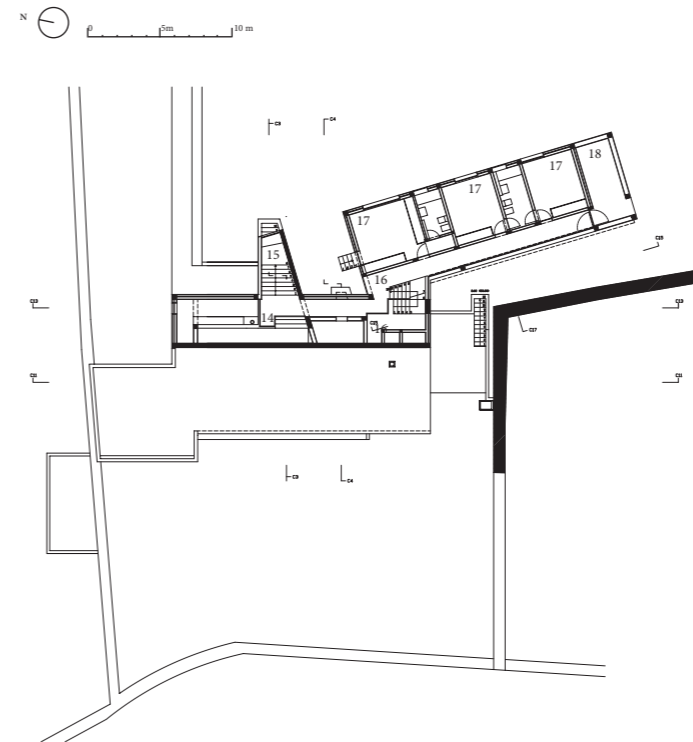


Fig. 3 | Planta do piso 1.



Legenda:

- 1 | Acesso principal
- 2 | Habitação
- 3 | Anexo
- 4 | Tanque para recolha de águas pluviais
- 5 | Entrada principal
- 6 | Garagem
- 7 | Entrada secundária
- 8 | Sala de estar
- 9 | Zona de refeições
- 10 | Cozinha (com lavandaria e dispensa)
- 11 | Terraço
- 12 | Sanitários
- 13 | Pátio de serviço
- 14 | Mezanino
- 15 | Mirante
- 16 | Corredor dos quartos
- 17 | Quarto
- 18 | Arrumo de apoio ao exterior

Fig. 4 | Alçado e cortes.

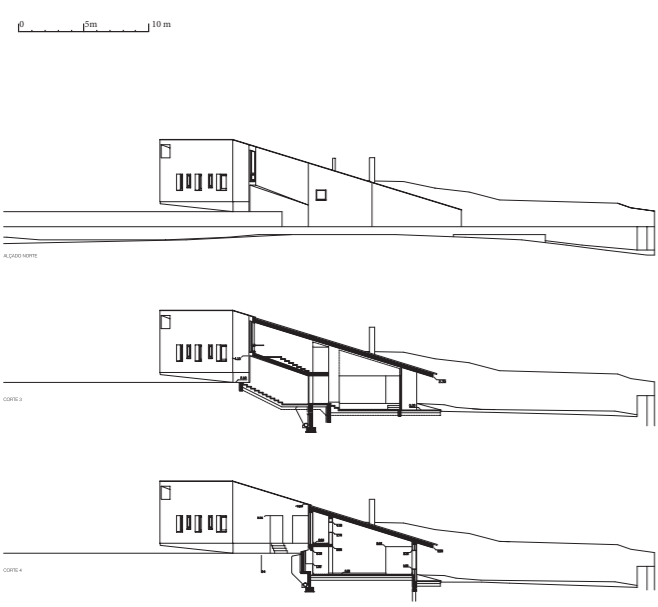


Fig. 5 | Alçado e cortes.

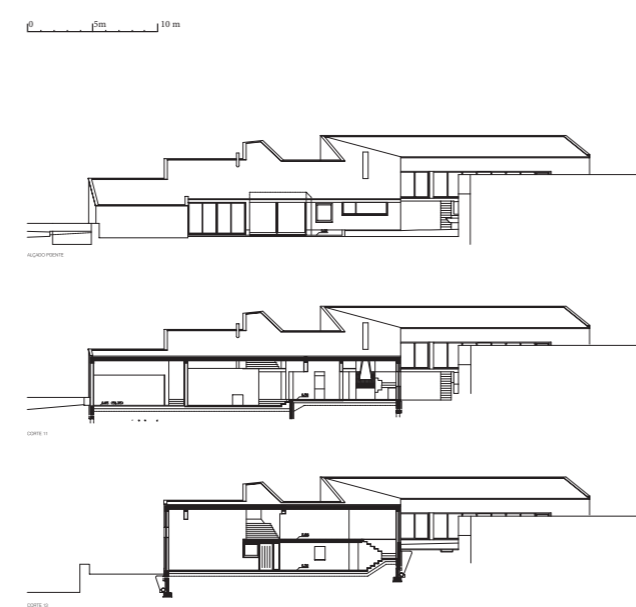


Fig. 6, 7 e 8 | Terraço; corredor do piso 0; alçado do corredor dos quartos



Fig. 9 | Fachada principal.



Fontes das fotografias: Fig. 7 e Fig. 9: "2G Dossier". Portugal 2000-2005 (2002) 43-43. Fig. 5 e Fig. 8: "Telhados Contemporâneos na Arquitectura Portuguesa" (2005).

Fontes das imagens: desenhos e texto cedidos em formato pdf pelo arquitecto Pedro Maurício Borges.

Localização: S. Vicente Ferreira, S. Miguel, Açores
 Data de Projecto: 1992 – 1999
 Data de Construção: 1999 – 2001
 Dono de Obra: João Pacheco de Melo e Florinda Melo
 Projecto de Execução: Pedro Maurício Borges e Armando Rabaça
 Colaborador: Pedro Neves
 Estabilidade: João Carlos Pires
 Águas e Esgotos: João Carlos Pires
 Construção
 Empreiteiro: Marques, Lda.
 Carpintaria: Estúdio Verde, Lda.- responsável: António Negrão

Anexo 5

Elementos sobre a casa Pacheco de Melo, Pedro
Maurício Borges, 1991-2001

Anexo 6

Entrevista a Pedro Maurício Borges

Considerando o legado moderno produzido nos anos 50 e entendimento da arquitectura tradicional como matéria próspera para o caminho da evolução da arquitectura, de que modo entende que esse conhecimento tem persistido na evolução da arquitectura portuguesa desde então?

P.M.B. Eu acho que esta arquitectura dos anos 50 não tem persistido. Houve uma geração, que está a chegar ao fim, do Victor Figueiredo, que já morreu, do Siza, do Tainha, em que todos eles já estão nos setenta anos, e foi esta geração que trabalhou a sério no legado da arquitectura vernacular e fez dela matéria de projecto. Depois desta geração é tudo muito pontual. A determinada altura Portugal quer ser um país europeu, não quer mais ser este Portugal da ruralidade, e ser tão moderno e contemporâneo como qualquer país da Europa. Eu penso que as gerações mais novas procuram modelos nessas arquitecturas, na arquitectura holandesa, na arquitectura suíça. A arquitectura vernacular quando ainda aparece neste contexto é só como signo, só como imagem, não é já como aprendizagem. Estes arquitectos nos anos 50 viam na arquitectura vernacular uma lição de arquitectura, uma arquitectura adequada ao lugar, com os materiais do lugar, com a tecnologia que vinha da tradição e tentavam incorporar essa lição no seu projecto, fundindo-a com a lição do moderno. Quando agora temos, aparentemente, de novo a arquitectura vernacular, mesmo no caso suíço, o que se persegue é mais a imagem, o objecto, mesmo que tenham os mesmos materiais é uma evocação de imagens, não tem nada a ver com a tradição. Provavelmente esse caminho também já se esgotou.

Que relevância teve na sua formação a herança cultural proveniente dessa década?

P.M.B. No meu tempo da escola, o Aldo Rossi seria talvez o teórico mais importante. A teoria do Rossi é uma teoria estruturalista, nesse sentido é interessante porque, em vez de ele procurar a regra naquilo que é mais superficial, ele de facto procurava encontrar nas tipologias aquilo que era regra num determinado território. Esta questão das tipologias, de olhar para as plantas e não para um alçado ou um objecto, é um olhar um bocado abstracto. Não é uma caracterização objectual de um sítio ou de uma arquitectura. O Rossi era a autoridade moral naquele tempo. Simultaneamente estávamos a viver a euforia pós-modernista, este retorno à mais superficial das Histórias, ao eco do clássico, frontões, arquivadas, mas deliberadamente superficial, muito estilizado, sem espessura, sem tectónica nenhuma. O arquitecto que se tornou mais conhecido nessa produção foi o Tomás Taveira. Isto é o meu tempo da escola. O Rossi, visto de uma maneira ligeira, era fácil, era desenhar uns alçados aos quadradinhos e o ser pós-moderno ainda mais fácil era.

Há uma *Architecture d'Aujourd'hui* famosa nos anos 70, ou princípios dos 80, sobre a produção da arquitectura portuguesa e estão lá o Siza, o Tainha, o Victor Figueiredo, o Hestnes. Estes arquitectos têm uma produção que não tem nada a ver com a do Rossi e mesmo quando se aproximam é uma produção muito ligada ao lugar, ao vernáculo ou ao contexto. Mesmo que o vernáculo não fosse matéria directa de projecto era-o enquanto contexto. Mas isto é uma lição *a posteriori*, não é propriamente da escola. Na escola o que estava a dar eram as janelas aos quadradinhos, frontões dependia dos professores também.

Apesar de se ter formado em Lisboa, os trabalhos que tem efectuado remetem para as obras de arquitectos do Porto como Fernando Távora e Siza Vieira, o que de certo ponto de vista pode parecer estranho dado o suposto distanciamento intelectual dos dois pólos. Neste sentido, de que modo lhe chegou e entendeu a produção teórica e arquitectónica destes mestres e suas influencias nos meios de aprendizagem nessa altura?

P.M.B. Há aqui várias coisas. Uma é que hoje há uma proliferação de revistas, de publicações, Taschen baratos, há programas de televisão, há museus de arquitectura, enfim no meu tempo, nos anos oitenta, havia dois cursos de arquitectura para todo o país e penso que a ordem dos arquitectos tinha uma revista de arquitectura, com uma edição irregular. Depois havia as revistas estrangeiras que eram muito caras, a *Architecture d'Áujurdui*, a *Domus*, a *Lotus*, poucas. O que é que veiculavam? Ou esta arquitectura pós-moderna ou a arquitectura do Porto, que aparentemente não tinha esta superficialidade. Não era, na altura, tão aderente ao fenómeno de moda do pós-modernismo, no qual a única coisa interessante era o facto de ser assim, despidoradamente. Era também um pouco um manifesto contra a ideia de obra-prima. Eu até não conhecia assim tão bem, tirando o Siza, estas arquitecturas. Algumas delas, continuo sem as ter visto. Nunca visitei a pousada de Oliveira do Hospital, do Tainha. Conheço as imagens, o projecto e até o original. É uma arquitectura inspirada num arquitecto italiano, **Albini**. Tem exactamente as mesmas colunas em pedra, é uma arquitectura de montanha, não deixando de ser irónico que uma arquitectura que parece ter a ver com aquela serra, afinal vem de outra serra para lá dos Pirenéus. Há um chalé feito por este arquitecto italiano que tem exactamente as mesmas colunas. O projecto não é o mesmo mas a força expressiva das colunas é o que distingue mais esta pousada, e isto Tainha foi buscar aos Alpes italianos.

O Siza foi a minha maior influência. Havia uma série de colegas do Porto que vinham acabar o curso a Lisboa e percebia-se que eles sabiam mais do que nós. Mas depois eles eram tão militantes, sabiam as biografias dos arquitectos, sabiam as obras todas, que também chateava, e eu recusava ser igual a eles. É um facto que depois, por minha própria iniciativa, estudei o Siza, no sentido de pegar num livro, olhar para um projecto, ler as plantas, construir o espaço através das plantas e da informação disponível e reconhecer aquele desenho. Acho que é o único arquitecto com quem fiz isto, pegar em plantas, cortes e alçados e tentar perceber o que é que aquilo construía. Posso ter feito esporadicamente num edifício ou outro de outros, mas estudar neste sentido de olhar, ir ao edifício e depois ver a planta, ver que desenho é que aquilo produz ou com que desenho se constrói aquele espaço, só fiz com o Siza.

Há uma casa do Tainha que é feita em vários pisos ou a casa do Sérgio Fernandes em Moledo. Quer o modo como a cobertura acompanha o declive ou esta casa do Tainha que tem também uma cobertura sobre uma sala e um mezanino, têm a ver com coisas que eu fiz mas que eu não conhecia de todo, só depois.

Quando passa para o exercício da profissão, e ao fim de 20 anos a exercer e a ensinar, como revê essas influências ou que outras o foram acompanhando desde então? (o que mudou ou se mudou)

P.M.B. Mudou claro, tem que mudar. Este “tem que mudar” tem a ver com a nossa condição, no ocidente, o projecto moderno está em todo o lado.

O Hegel inventou esta ideia de que o grande espírito humano está em permanente progresso e há uma espécie de obrigatoriedade em evoluirmos. Nem pensar em nos acomodarmos. Esta obrigatoriedade é exigida pela economia de mercado, tem que se propor sempre novidade, mas também é exigida moralmente (ou pessoalmente): evolução, evolução profissional, evolução pessoal. Eu não sou muito moderno nesse sentido, se fizer sentido sim mas muitas vezes não acho que faça. Ser original por ser original, forçar essa evolução acho que não faz sentido. As pessoas mudam naturalmente e com a mudança é natural que também se mude a visão que se tem do mundo e, conseqüentemente, do exercício profissional. Eu começo a trabalhar num território [ilha de S. Miguel, Açores] que nos anos 80 continua parado na história e a questão também tem a ver com isso.

Imagine-se que eu tinha ficado a trabalhar em Lisboa e que ia para a Reboleira ou para a Amadora, não fazia nada daquilo que fiz! O que acontece é que nos Açores havia um território onde não tinha passado a modernidade, ainda era pré-moderno, e não era só em termos da paisagem, era mesmo a nível social, nas crenças, na força da religião, como se ainda existisse o morgado e os seus empregados. Era uma viagem atrás no tempo. Chegar lá e ser tão moderno ou pós-moderno como em Lisboa, para mim, não fazia sentido nenhum. Actualmente, S. Miguel é um território quase como outro qualquer, por um lado as telecomunicação erodiram as distancias, está-se a duas horas de avião mas a poucos segundos de um *email*. Deixou de haver impermeabilidade cultural ao mundo e, nesse sentido, já é um território que dentro da sua especificidade não deixa de participar da globalização... como todos os territórios, duvido que haja territórios que escapem à globalização, económica e cultural. A própria expectativa local é também a de pertencer ao mundo mais do que manter uma identidade açoriana aliás, eu penso que os fenómenos andam muito paralelos. Reforçam-se os signos de uma identidade, a maior parte das vezes de uma maneira muito artificial e nesse sentido esvazia-se a tradição. A tradição não se questiona, é repetição que não se questiona e quando passamos a tentar perceber o que ela é a querer fixa-la estamos a acabar com ela! Isso provavelmente é o que está a acontecer, mas não deixa de haver a reacção de vincar aquilo que são os signos da tradição, seja religiosa seja nas festas profanas, e simultaneamente querer fazer uma festa como se faria noutra sítio qualquer, querer ser tão *update* como um nova-iorquino ou um berlinense. Eu acho isso obviamente legitimo e isso de algum modo é viável, de repente faz-se uma festa e tem-se um *DJ* que três dias antes actuou em Berlim em Ponta Delgada. Há uma obra da paisagem que me interessa em alguns sítios manter mas já não é por via da vernacularidade, porque o mundo que construía essa paisagem também já é um mundo diferente. O mundo rural está a acabar, não é que a agricultura não se mantenha, mas é um mundo urbanizado, os agricultores têm uma cultura urbana, acabou-se

Essa necessidade de construir de uma maneira nos Açores e se fosse em Lisboa de outra, não será consequência deste legado vernacular?

P.M.B. Acho que sim. O vernáculo na Reboleira são aquelas construções clandestinas dos imigrantes africanos. A ligação com o contexto é essa, o olhar sobre o contexto é que é diferente. Hoje sabemos que aquilo não corresponde a uma homogeneidade. Nos anos 80 os Açores eram um lugar muito homogéneo, as pessoas tinham a ver com aquilo que tu vias, com a paisagem e com a arquitectura. Hoje não. Mas isso não impede de continuar a olhar para o contexto, e olhar para o contexto é ver que arquitectura é aquela, que pessoas são aquelas, que cultura é aquela, ou seja, estamos a construir para quem e para quê. Isso talvez venha dessa tendência dos anos 50 e continua a ser válido.

Que valores considera mais importantes para o exercício da profissão na contemporaneidade, ou pelo menos quais aqueles que o guiam normalmente quando ensina e trabalha em arquitectura?

O que eu acho que é mais difícil na arquitectura é a questão do espaço. A questão de desenhar e construir uma espacialidade que, por um lado seja adequada aos programas e usos, e por outro seja confortável, sendo que essa espacialidade tem varias nuances, desde a escala, a dimensão até aos materiais. Esta questão é de facto a mais difícil. Eu não recuso uma arquitectura que investe tudo no seu lado objectual e plástico, o que por um lado é mais fácil mas por outro não é o mais importante. Já vivemos rodeados de objectos por todo o lado. No ensino tento privilegiar o lado do espaço porque é o mais difícil. Quem consegue desenhar bem um espaço acaba por conseguir esculpir bem um objecto. Este espaço tem que ser adequado, tem que ter uma medida que tem de ter decoro. Há situações onde faz sentido pôr um edifício aos gritos, algum *show off*, e há outros em que não faz sentido, onde já está tudo desenhado e construído e o que temos de fazer é preencher mais um buraco.

Isso era uma coisa desta tendência (contextualista) que eu acho que permanece válida, a adequação da resposta ao sítio. O trabalho do arquitecto é sobretudo esse trabalho da adequação de uma resposta, não é a todo o custo fazer um exercício de autor de cada vez que se é solicitado para fazer um projecto. Que é o que eu vejo, parece que os arquitectos andam em competição com os artistas

E a adequação aos recursos económicos?

P.M.B. A arquitectura deveria ser um exercício de racionalidade, não é um exercício de capricho artístico, devia ser um exercício de gestão de recursos. O que acontece é que muitas vezes, por exemplo o estádio de Braga, custou o que custou mas é uma obra-prima! Muitas vezes pode haver uma interpretação poética de um sítio que justifique todos os custos. Eu não vou muito por aí, o dinheiro não é meu mas admiro sinceramente, sem ironia nenhuma, quem a tem e quem tem essa coragem. O Souto Moura é exemplar no estádio de Braga, aquilo custou o quadruplo do que deveria ter custado mas o dinheiro público foi muito bem gasto! Ganhámos muito mais do que aquilo que se gastou.

Há um lado de ter um orçamento e cumpri-lo, coisa em que somos muito maus profissionais e que eu acho mal, e há o lado, também, da sustentabilidade. Da gestão dos recursos, a questão das energias passivas, e que é uma coisa que já vem dessa cultura dos anos 50. O percurso do sol, ou da chuva ou do vento, faz parte da lição da arquitectura vernacular. Abrir uma casa desalmadamente para poente é quase senso comum fazer caixas de vidro neste país é absurdo. Mas isto já é básico.

Pessoalmente, como experiencia no decorrer da profissão e da evolução intelectual a importância da consciência dos meios tradicionais?

Hoje em dia não diria meios tradicionais, diria meios correntes, acho que já não há bem meios tradicionais. Há uma cultura da construção, que no caso português assenta no betão armado e no tijolo, no caso dos Açores é betão armado e blocos de cimento, e no reboco. Eu adoro madeira, adoraria fazer coisas em ferro e chapa, adoro tijolo de burro, tudo isto eu gostaria de trabalhar, mas o que qualquer tipo faz é um bom reboco. Já uma parede de tijolo de burro, ou mesmo uma parede de chapa, com isolamento térmico, caixa-de-ar, estrutura de ferro, isso envolve um trabalho metalúrgico que tem outros custos e operários mais especializados. Mas não tenho nenhum preconceito material, é mesmo isto, a tecnologia disponível para os recursos que temos disponíveis.

A questão dos materiais disponíveis em cada sítio é cada vez mais pertinente exactamente neste contexto da sustentabilidade, porque se o material não está aqui não é só a questão de gastar mais dinheiro a trazê-lo, é poluir o ambiente com o transporte, enfim é aquilo a que se chama a pegada ecológica do uso desse material. O que me preocupa verdadeiramente, como não tenho tido clientes excepcionais, a maior parte dos meus clientes são gente de recursos médios, tenho que utilizar a tecnologia disponível, por uma questão de custos e não só. No caso dos Açores, onde tenho trabalhado mais, se quero fazer uma coisa diferente daquilo que é corrente não são só os materiais que eu tenho de mandar vir, é a mão-de-obra também. Isto tem custos incombustíveis.

Mais uma vez há aqui uma questão, no século XIX, os palácios que foram construídos, os jardins, foram assim que se fizeram. Tirando a terra veio tudo de fora, os operários especializados para montar estuques, varandas em ferro forjado e coisas do género. E assim se construíram coisas que hoje são património da cidade e do território. Ou seja, não acho que isso não se faça, em certos contextos vale a pena fazer, que normalmente têm que ter no seu próprio programa uma necessidade de significação simbólica forte. Sempre se fez isso, uma cidade mais rica sempre foi buscar pedra a outro lado, sempre foi buscar mármore a Itália. Esta coisa de ter na fachada um material que não é do sítio, obviamente que dá um carácter distintivo.

Mas há aqui várias questões: uma é a da sustentabilidade, outra é a da disponibilidade de mão-de-obra. Não vale a pena mandar vir um material que requer uma tecnologia que depois não é dominada localmente, fica tudo mal feito e não vale a pena. De um modo geral, tento sempre perceber como é que a mão-de-obra local trabalha, o que é que ela faz bem e trabalhar com isso. E tentar melhorar algumas coisas, porque há vícios na tradição local que são vícios! A tradição não tem sempre razão, não é uma verdade inquestionável. Mas o que acontece é que a arquitectura sempre esteve ligada à arquitectura erudita, não à arquitectura vernacular, mas a arquitectura feita pelos arquitectos esteve sempre ligada a gente rica, foi sempre dispendiosa mas gostaria de acreditar, acredito até, que não tem de ser sempre assim

E os arquitectos sociais, o movimento moderno e as questões sociais?

P.M.B. Sim, em Portugal não mas internacionalmente, tem-se assistido temos aquele arquitecto português (Filipe Bal-estra) que trabalha nas favelas dos Rio e que depois foi trabalhar para a Índia. Há um arquitecto chileno conhecido que tem proposto módulos que depois são apropriados pelas pessoas. A questão de fazer arquitectura para populações carenciadas mantém-se. Sob um certo ponto de vista, às tantas aquilo não é arquitectura num contexto deste as necessidades são tão elementares... que se lixe a arquitectura! Se há um arquitecto que vai trabalhar para as favelas e quer melhorar as habitações dos habitantes, se calhar a arma para travar essa batalha não é a arquitectura, ou é apenas uma delas.

Quais foram as principais referências na concepção do projecto da casa Pacheco de Melo nos Açores?

P.M.B. Não tem. Ou melhor, a referência directa é o terreno e a sua forma, e a orientação, e o horizonte. O chão, o lote que o dono da obra comprou, tem um desenho, e depois a relação com a envolvente, isto é, para onde é que há horizonte, para onde pode ser interessante orientar a casa, para onde está o sol isso é que foi a referência directa na concepção do projecto. O que acontece também é que há um programa, relativamente simples, o terreno já tinha desenhado um acesso, havia já uma plataforma. Há uma zona mais ou menos plana, outra mais baixa e outra com um soalco mais inclinada. Acabei por virar para o vale, com um segundo plano com S. Vicente de Fora, depois o morro das capelas, um promontório que avança pelo mar, e depois a serra da Sete Cidades. Achei que este lado era o mais rico, mais confortável. Para sul há dois montes muito bonitos, com forma, mas era a subir, era estar dentro de casa a olhar para cima, não achei confortável. E depois eram as plataformas.

Achei que para dar sentido a todo o terreno, no fundo da faixa de acesso localiza-se a garagem, na tal plataforma que dá para o vale, apesar de poente, coloquei os espaços de permanência, sala e cozinha e depois os quartos virados para nascente, sítios de menor permanência. Colocamos mais choupos, filtram um bocado a luz, crescem depressa, é como se já lá estivessem antes. Isto foi a referência directa. Depois, fazer o corte sobre isto e perceber que uma única água resolvia a cobertura, que depois dá força plástica a isto. Também faz com que o espaço no interior se contenha, apesar de ser bastante aberto em planta e depois do outro lado há o mirante, que vinha no programa, embora o cliente o quisesse para o outro lado. O cliente queria este lugar um bocadinho isolado onde faria o seu escritório, e que devolve o olhar sobre a entrada do terreno, fazendo de alpendre também. Mas eu não tinha nenhuma referência directa

Dizem que as suas casas costumam lembrar a arquitectura do Távora ou do Siza...

P.M.B. Mas porquê? Isto vê-se bem, são três volumes, um para cada plataforma por exemplo, o Siza jamais misturaria alumínio com madeira, que é uma coisa que faz o Gehry. Eu tenho o alumínio nas zonas mais expostas, que eu achava que teriam maior uso. Foi um pouco arriscado fazer a carpintaria. A carpintaria não

foi feita localmente, foi uma empresa do Norte que veio fazê-la. A mão-de-obra local quando é especializada é muito cara também. Às tantas foi mais lucrativo trazer as madeiras perfiladas e monta-las *in situ*. Há uma pormenorização, se calhar o rodapé, o chão de madeira, os interiores brancos tens casas do Siza assim, mas também há do Távora, de todos

Isto tem um mezanino cá dentro e há uma casa do Tainha que eu acho muito próxima. Mas só a vi depois! Inconscientemente, há imagens que também informam isto, e das quais eu não tenho consciência. Mas é um trabalho de montagem. Esta história que eu te contei é a história do projecto. Eu não conheço nada disso. A Ana Vaz Milheiro sugere o corte e costura, ou corte e colagem, sugere uma montagem de referências, mas não há montagem nenhuma. Essa colagem não existe, não foi assim que fiz.

Nos casos de estudo falo do Távora, Siza, Souto Moura... e no fim de si, aparentemente um pouco à parte desta linha de uma certa continuidade

Isto claro que é uma arquitectura de continuidade. Isto já é forte quanto baste na paisagem de lá. Não vejo necessidade nenhuma de ruptura. Isto foi feito por um empreiteiro e pelo próprio dono. O que eu gosto mais nesta casa é que ela tem de facto qualidade espacial, digo sem modéstia porque ele já me emprestou a casa e passei lá um fim-de-semana, e foi bestial, gostei muito, fez-me acreditar mais do que eu acreditava na realidade. O que quero dizer é que ela tem uma qualidade invulgar, em termos espaciais, na colocação na paisagem, e é tudo feito com recursos banais. A coisa mais sofisticada que tem é a caixilharia de madeira, que tem um bocadinho mais de desenho, que também podia ser feita lá. Mas não tem nada de especial em termos construtivos e de materiais. Isso é o que eu gosto mais na casa.

Na casa Pacheco de Melo parece-me clara uma sensibilidade aos temas actualmente quase míticos do contexto e do lugar, numa linha que remete para uma continuação do debate arquitectónico dos anos 50, do cruzamento do Modernismo com os saberes da arquitectura popular. Como se coloca perante estes temas e esta associação da sua obra ao legado dos anos 50?

P.M.B. Isto foi um projecto que eu comecei em 1992 ou 1993 e a casa só é acabada de construir em 2001, mas o projecto começou quase dez anos antes. Começou porque ele queria plantar umas árvores e percebeu que queria uma casa. Isto é um projecto dos anos 90 e claro que tem a ver com a questão do contexto e do lugar.

Nesta habitação, se por um lado aparenta uma certa continuidade com a dialéctica vernacular portuguesa, por outro não compromete o sentido de actualidade ou de algo pertencente ao tempo em que se insere. Como se cruzam Tradição e a Contemporaneidade na concepção desta casa, ou de que modo a imagética ou as soluções vernaculares estiveram presentes na concepção desta casa?

P.M.B. “Vernacularidade” aqui há muito pouca. Até há uma situação vernacular que é a “falsa”, que é o sótão micaelense, no corpo dos quartos. De resto, isto não é uma casa açoriana. O modo como se abre atrás, as janelas à frente são mais fechadas e têm um pouco mais a proporção de uma arquitectura tradicional, mas especialmente não tem nada a ver! O vernacular aqui está no sítio, nos muros de pedra e no modo com a casa os reconhece, como limite mas também como relação com os interiores. A casa vernacular é arquitectura da mais chã que existe, no sentido mesmo de pobre, elementar! Talvez a única coisa *expressiva* seja o forno, que dá mais força a esta arquitectura (açoriana). Tem sempre um volume que é sempre uma grande chaminé, com uma espécie de mochila que é o forno propriamente dito.

Há uma casa em que utiliza esse forno...

P.M.B. Sim, aí sim! Tem mesmo este forno, mas numa situação invertida. É uma chaminé nova, é uma situação da utilização de um elemento vernacular, embora invertida porque a chaminé tradicional tem o forno atrás e aqui está dentro. O volume, a medida do gesto, evoca a chaminé de forno vernacular. Mas aqui (Pacheco de Melo) nem sequer há isso!

Voltando ao tema da pergunta, francamente eu acho que tradição e contemporaneidade não se cruzam aqui, apesar de toda a gente achar que sim tem a ver com cultura arquitectónica, é o ofício do arquitecto tem a ver com o terreno, esta coisa de desnivelar, de ter a sala de jantar mais alta que a de estar, é uma maneira de territorializar as *funções*, percebe-se por causa do desnível, mas depois é aberta sobre a sala. É um cliente tradicional, ele queria que se distinguissem estes territórios. No entanto a casa é toda aberta, apesar de haver uma cozinha, uma sala de jantar e uma sala de estar, tudo comunica. E esta desdobragem dos pisos é uma coisa que eu aprendi com o Loos, e que o Siza também usa, mas onde se vê claramente é no Loos, torna-se mais literal na casa Tristan Tzara, a sala de jantar está um bocado acima da sala de estar. Isto tem a ver com a História da Arquitectura. Reminiscências são talvez aquilo que faça evocar o Távora e o Tainha...

A arquitectura vernacular como campo de reflexão, como recurso de soluções técnicas válido, como espírito da necessidade de integração de uma obra e cuidado com o meio em que se insere ou apenas como inspiração formal, será parte de um legado que vai sendo absorvido de modos distintos pelas novas gerações de arquitectos, ou pelo contrário é um campo de reflexão que cada vez mais deixa de fazer sentido? (Se sim, de que formas essa herança se pode manifestar hoje em dia? Será o ponto comum na caracterização da arquitectura portuguesa contemporânea?)

P.M.B. Hoje em dia, quando a arquitectura vernacular aparece é, ou a nível formal, no sentido do seu desenho independentemente da matéria (qualquer volume com uma cobertura de duas águas é uma casa vernacular) ou através da evocação dos materiais. Na serra da Lousã temos aquelas aldeias todas de xisto, muros de xisto porque os telhados já abateram, e uma arquitectura qualquer que possa ter cobertura plana que cobre um sistema de compartimentos feito neste material. O que não há é uma evocação ou citação da tipologia. Estas casas da Lousã têm um chão em que se fazia uma fogueira, um sítio especial para fazer o fogo, e eu acho que isto é perfeitamente viável de citar numa situação contemporânea. Há situações desta arquitectura que, dependendo dos programas, são ainda possíveis de utilizar. Era uma espécie de caixa rectangular no chão onde se podia fazer a fogueira. O incrível é que era em pedra mas logo ao lado era soalho. Era ali que se cozinhava. Imagina que fazes uma casa de fim-de-semana na Lousã, hoje, e até se podia fazer exactamente a mesma coisa em vez de se fazer uma lareira! Não teria necessariamente de ser no meio da sala, nem havia sala, há uma cozinha e um sítio para dormir. Onde eu quero chegar é que, de facto, a evocação da arquitectura vernacular é feita em termos formais ou materiais, normalmente a pedra ou nalguns sítios a madeira. Tipologicamente, a evocação será apenas pontual, como no caso do forno dos Açores ou da lareira da Lousã. A tipologia em si, de um modo geral é que talvez não. De qualquer modo é importante musealizar alguns destes espaços.

A arquitectura portuguesa parece estar menos ligada a arquitectura espectacular que hoje em dia se vê muito lá fora

P.M.B. Talvez por falta de recursos...

As novas gerações talvez já não sejam tanto assim. Mas sim. A arquitectura sempre foi uma manifestação de poder, mostrar e representar o poder. Um país rico, obviamente que tende a construir e a mostrar a sua riqueza através da arquitectura. Mas depois tens o modernismo que consegue fazer isso de uma maneira menos os-

tensiva. Brasília não é uma cidade ostensiva, apesar de ser caro tudo aquilo, tem uma medida razoável, não tem uma monumentalidade megalómana. A monumentalidade está mais na paisagem e no eixo, nas alamedas paralelas. Os edifícios parecem palácios renascentistas à excepção das torres de escritórios da assembleia. São de uma cidade média europeia. O que acontece é que de há uns anos para cá acontece o efeito Bilbao. O Gehry com o museu Guggenheim coloca Bilbao no mapa, nunca ninguém ia lá antes. Agora qualquer presidente da câmara quis ter o seu Guggenheim, a sua arquitectura espectáculo. Eu acho-o, até, muito próximo do Siza, o que eles fazem é desenhar com o que já existe. Se calhar o Gehry é mais vistoso ou mais espectacular. Em Bilbao lança a grande nave por baixo da ponte e ergue-a do outro lado, ou seja, a ponte, que já existe, passa a fazer parte da composição. Os edifícios de escritórios estão á escala da rua com a qual confrontam, e mais uma serie de coisas que o Siza também faz. É desenhar por reconhecimento e adopção ou recusa do contexto...

Há um desenho que já existe. Quem somos nós para ignorar esse desenho e quem construiu esse desenho que já lá estava?! A verdade é que hoje o que se privilegia é uma arquitectura de autor, que se imponha, que seja uma *landmark*. É o próprio mercado a puxar por esse lado. Não sei se isso é bom e se os arquitectos devem ir atrás dessa história...

Tem a ver com economias novas-ricas emergentes...Abudabi, China querem mais espectáculo! Também tem a ver com a com as novas tecnologias de comunicação, sempre se desenhou antes de construir mas hoje com os *softwares*, os *3ds*, constroem-se aquelas imagens não sei se não há uma voracidade de construir aquelas imagens claro que o Mies fez isto para testar a presença, mas isso era laboratorial...acho que é a questão mediática, das imagens 3d. Há projectos que já são um sucesso tremendo antes de serem construídos só por via dessas imagens! A expectativa de um cliente é ver essas imagens, animadas e tal, não é ver maquetas. Bem, no meu caso eu respeito imenso a paisagem vernacular. É uma questão de respeito pelo trabalho, isto era trabalho árduo! Há uma expressão interessante utilizada por um geólogo dos Açores, esta paisagem é construída à escala da enxada. Os terrenos são todos modelados, a paisagem é toda humanizada. Não há paisagem natural. Esse trabalho de humanização foi feito à mão, isto é, é uma modelação que otimiza o desenho que já existia.

Tu consegues reconhecer o desenho humano sobre o desenho pré-existente, natural. A escala da máquina, industrial, arrasa com tudo, nivela, faz muros de suporte. Impõe um desenho completamente novo e alheio ao que existe, que é muito menos interessante é raro o caso em que isso se torne emocionante. Eu respeito imenso pelo lado estético e também pelo lado do trabalho, do esforço tremendo de gerações e gerações de pessoas que construíram essa paisagem. Quando projecto para um sítio desses, estamos a falar de um território rural, o que eu tento fazer é simultaneamente dar a ver a paisagem, e que o objecto que se constrói participe na paisagem como objecto que a dá a ver. Pelo corredor vê-se os dois montes a sul. Dá a ver porque é um marco e, enquanto dispositivo óptico cria, enquadramentos, perspectivas.

Considera que podemos falar de raízes vernaculares quando analisamos a condição da arquitectura contemporânea portuguesa e a evolução da arquitectura moderna desde os anos 50?

P. M. B. Eu acho que a evolução da arquitectura moderna desde os anos 50 teve raízes vernaculares que já não se reconhecem hoje, que hoje já se desvaneceram. Tanto quanto me lembre.

Fim